

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ

KETIUCE FERREIRA SILVA

***DESIGN* INSTRUCIONAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PARA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD)**

BOA ESPERANÇA / MG

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ

Ketiuce Ferreira Silva

***DESIGN INSTRUCIONAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD)***

Monografia submetida ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu Especialização em Design Instrucional para EaD Virtual: Tecnologias, Técnicas e Metodologias como requisito parcial para obtenção do título de ***Especialista em Design Instrucional para EaD Virtual.***

Orientador: Prof. Dr. Fernando Nunes Belchior

BOA ESPERANÇA / MG

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ

Ketiuce Ferreira Silva

***DESIGN INSTRUCIONAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD)***

Monografia aprovada por banca examinadora em 21 de novembro de 2009,
conferindo ao autor o título de ***Especialista em Design Instrucional para EaD
Virtual.***

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fernando Nunes Belchior
(Orientador)

Prof. Dr. Marcos Eduardo Cordeiro
Bernardes

Profa. Dra. Luciana Botezelli

BOA ESPERANÇA / MG

2009

***Design* Instrucional na formação de professores para Educação a Distância
(EaD)**

Ketiuce Ferreira Silva

Mais uma produção acadêmica que dedico à minha mãe Simeí, meu pai Arnaldo (em memória), minha irmã Rayce e ao meu esposo Márcio pelo apoio emocional que me prestam em todos os momentos de minha vida.

BOA ESPERANÇA / MG

2009

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela saúde física, psicológica e emocional que oferece todos os dias para concluir trabalhos como este.

À minha família por me incentivar em todas as minhas escolhas.

Aos meus mestres, amigos e exemplos do Núcleo de Educação a Distância (Nead) da Uniminas pela influência que exercem em minha formação acadêmica e profissional.

Por fim, ao meu orientador Fernando Nunes Belchior, às tutoras e demais membros da equipe de formação do curso de Especialização em *Design Instrucional para EaD Virtual: Tecnologias, Técnicas e Metodologias* da Universidade Federal de Itajubá (Unifei) que contribuíram com a elaboração deste trabalho.

A verdadeira incógnita é saber se os professores irão apossar-se das tecnologias como um auxílio ao ensino, para dar aulas cada vez mais bem ilustradas por apresentação multimídia, ou para *mudar* de *paradigma* e concentrar-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem.

Philippe Perrenoud (2000, p. 139)

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo apresentar o trabalho de *design* instrucional (DI) realizado em um curso que objetiva a formação de professor virtual para Educação a Distância (EaD). Para tanto, resgatou-se um pouco do histórico da EaD, foram apresentadas informações de base que favorecem o entendimento do trabalho de DI na EaD, bem como discutiu-se questões relativas à atuação desse profissional que exerce influência na qualidade e efetividade de propostas de formação a distância. As informações aqui apresentadas são fruto de consultas bibliográficas, bem como da análise feita no curso da cliente que visa promover alguns conhecimentos e práticas para que o docente atue em propostas de formação a distância. A existência de diferentes profissionais (professores, tutores, coordenadores, *designers* etc.) comprova que a cada necessidade detectada na educação, faz-se importante encontrar com agilidade uma solução que elimine falhas e amplie resultados positivos. O DI apresenta-se como um dos profissionais que contribuem com esse trabalho. Um trabalho pedagógico pautado em aspectos como planejamento, aprendizado, organização, coerência, ritmo, e foco nos objetivos educacionais. Atuar enquanto DI requer conhecimento no que é apresentado ao longo deste trabalho. Um profissional fluente diante do uso das TICs a favor do processo de ensino aprendizagem realizado no ciberespaço e adepto à educação enquanto um processo acessível, adequado, coerente, inclusivo e pedagógico que contemple as dimensões do desenvolvimento educacional.

Palavras-chave: *Design* instrucional (DI); Educação a Distância (EaD); formação de professores.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	8
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3 - METODOLOGIA	25
3.1 Recursos utilizados para adaptação do curso no ciberespaço	26
4 - DADOS GERAIS DO <i>DESIGN</i> INSTRUCIONAL VIRTUAL	29
5 - DADOS ESPECÍFICOS DO <i>DESIGN</i> INSTRUCIONAL VIRTUAL DO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSOR VIRTUAL	31
6 - RECURSOS DE <i>DESIGN</i> INSTRUCIONAL VIRTUAL DO CURSO (MAPA DE ATIVIDADES, MATRIZ DE DETALHAMENTO E <i>STORYBOARD</i> - SB)	33
6.1 Mapa de atividades	33
6.2 Matriz de detalhamento	37
6.3 <i>Storyboard</i> (SB)	40
6.4 Análise geral do <i>design</i> instrucional do curso	42
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
8 - REFERÊNCIAS	48

1. INTRODUÇÃO

A educação contemporânea tem sido alvo de influências de tendências econômicas, políticas, tecnológicas, sociais e culturais que se fazem presentes na sociedade. Neste sentido, o profissional da educação deve manter-se preparado, no que diz respeito a aspectos epistemológicos, práticos, didáticos e metodológicos; para lidar com essa realidade, a fim de acompanhá-la e, o mais importante, intervir sobre ela de modo que o ofício de educar seja condizente com o contexto, os interesses, as potencialidades e necessidades do aprendiz.

Neste cenário, a Educação a Distância (EaD) tem recebido destaque devido a sua introdução no processo de ensino aprendizagem. Pode-se dizer que há a EaD antes e depois da internet. A primeira é caracterizada pelo uso de correspondências, rádio e televisão enquanto que a segunda recebe influência das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) dando origem a um novo espaço de aprendizado (o ciberespaço), a novas ferramentas de apoio à mediação didático-pedagógica (AVAs, grupos de discussão, chats etc.) e a novos papéis para quem ensina e para quem aprende.

Tal modalidade educacional foi oficializada no Brasil pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação por meio da lei nº 9394 de vinte de dezembro de 1996, pelo decreto nº 2494 de onze de fevereiro de 1998 e pela portaria ministerial nº 301 de sete de abril de 1998. Conforme decreto nº 5622 de dezenove de dezembro de 2005, a EaD é concebida como:

(...) modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005)

Desta forma, pode-se dizer que a EaD corresponde, atualmente, a uma modalidade de ensino que, por meio da parceria entre profissionais da educação, aprendizes e Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs); possibilita um processo de ensino aprendizagem mediado por recursos humanos e tecnológicos,

que rompem barreiras de espaço e tempo que, muitas vezes, são típicas da educação presencial. Uma prática de aprendizado caracterizada por aspectos como a democratização do acesso ao estudo, utilização de fontes e mídias diversificadas, auto-aprendizagem, interação e interatividade, flexibilidade, uso de ferramentas síncronas e assíncronas etc.

É válido ressaltar que a EaD que presencia-se hoje não foi sempre assim. O histórico dessa modalidade educacional no exterior é mais precoce que no Brasil, passando por cursos de contabilidade via correspondência, taquigrafia, etc. Em “Educação a Distância: o estado da arte” Nunes (2009) apresenta esse histórico mundial resumido a seguir:

- 1728 – Estados Unidos;
- 1910 – Austrália;
- 1922 – Nova Zelândia;
- 1930 – Japão e Rússia;
- 1950 – China e Indonésia;
- 1962 – Índia;
- 1969 – Inglaterra;
- 1972 – Espanha;
- 1973 – Canadá;
- 1976 – Venezuela;
- 1979 – Cuba;
- 1980 - Costa Rica;
- 1985 – Bangladesh;
- 1988 – Portugal.

No Brasil, o início da EaD também foi marcado pelo uso de correspondência, rádio, televisão, dentre outros, possibilitando a realização de cursos de formação continuada, conhecimento cultural e até formação superior.

Diante do seu histórico no país, relatado por muitos estudiosos da área, é possível identificar quatro fases da Educação a Distância no Brasil. São elas:

- Primeira fase – iniciada em 1904 com a instalação das Escolas Internacionais em que o material didático era recebido via correspondência e a formação visava, exclusivamente, o ingresso no mercado de trabalho. O destaque dessa fase vai para a criação do Instituto Universal Brasileiro de São Paulo em 1939;
- Segunda fase – uso do Rádio e criação do Projeto Minerva em 1970 cujo objetivo era dar acesso à Educação Básica àqueles que não obtiveram formação escolar no devido tempo;
- Terceira fase – marcada pelo uso da televisão como ferramenta mediadora de acesso à educação de 1º e 2º graus, iniciada na década de setenta. Contava-se com o apoio do Ministério da Educação (MEC) e com a Fundação Roberto Marinho;
- Quarta fase – iniciada no final do século XXI, última e atual fase da EaD no Brasil caracterizada pelo uso das tecnologias digitais (internet, computador, CD-Rom etc.) em que os cursos de formação superior passam a aderir à modalidade.

Pode-se dizer que o atual momento da EaD no Brasil tem ocasionado o rompimento de alguns paradigmas, pois tal modalidade tem apresentado uma nova relação com o saber. Uma relação em que os “modelos” pedagógicos tradicionais já não atendem à realidade social do aprendiz. Uma característica muito importante que deve ser detida pelo profissional da EaD é se ater à necessidade de educar e não apenas de ensinar, pois conforme ressalta Moran (2006) essas ações não são sinônimas:

No ensino organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos. (MORAN, 2006, p. 12)

Assim, essa modalidade reforça a possibilidade de readaptar o processo ensino-aprendizagem à necessidade do indivíduo e, ao mesmo tempo, fazer com que o aluno adote condutas até então não utilizadas em uma modalidade de ensino tradicional. Profissionais atuantes em EaD e o público de cursos a distância precisam dispor, além de habilidades técnicas, hábitos que caracterizam uma atuação participativa, colaborativa e contínua na aprendizagem.

A esse respeito, em uma entrevista sobre essa temática, Pierre Lévy (2009) reforça a influência da EaD frente à uma adaptação da nova relação com o saber a fim de acompanhar a mutação de uma civilização global. O filósofo e professor ressalta que nesse contexto:

(...) é experimentado o maior número de novidades, ao mesmo tempo técnicas e pedagógicas. É um setor em que existe uma experimentação constante. E talvez por isso, seja um setor verdadeiramente interessante. Deveria haver uma experimentação constante em todos os ramos da educação. Infelizmente não é o que acontece. Mas por causa da constante renovação da tecnologia e porque é preciso inventar o tempo todo ao trabalhar com Educação a Distância, pois ela tem pouca tradição; isto se torna algo particularmente favorável. (LÉVY, 2009)¹

Uma proposta em EaD, além de proporcionar formação intelectual, precisa ser capaz de romper fronteiras e de atuar em prol da prática dos “Quatro Pilares da Educação” apresentados por Jaques Delors (1999)² induzindo a atitudes sociais positivas. Portanto, para lidar com esse contexto o educador deve adotar o papel de mediador pedagógico que dispõe de métodos, formas e linguagens que alcance a todos, além de induzir a participação, interatividade e realização das atividades propostas.

Pessoas que antes não se interessavam por algum curso por causa de uma sala de aula, agora já têm a opção de realizar um curso *online*; indivíduos

1 Vídeo "Educação a Distância". Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=08rVXi55yJE>>. Acesso em: 25 maio 2009.

2 Os quatro pilares são “Aprender a aprender”, “Aprender a fazer”, “Aprender a ser” e “Aprender a conviver”. DELORS, Jacques. **Os quatro pilares da educação**. 1999. Disponível em: <<http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm#Pistas%20e%20recomendações>>. Acesso em: 6 maio 2009.

que por dificuldades de acesso, espaço e/ou tempo têm a chance de estudar por meio de cursos em EaD.

A comunicação se torna mais rápida, a troca de experiências e o compartilhamento de informações é facilitada, o acesso à informação torna-se mais barato e ágil com o acesso à internet; enfim, muitas são as possibilidades oferecidas pelas ferramentas síncronas e assíncronas encontradas nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) que, livres como o TelEduc³ ou proprietários como o *Blackboard*⁴, têm a sua estrutura adequada para este fim.

No que diz respeito aos profissionais da Educação a Distância, em síntese, pode-se destacar:

- professores – responsáveis pelo conteúdo, avaliações etc.;
- tutores – podem ser virtuais e/ou presenciais e atuam como mediadores ao longo do desenvolvimento do curso;
- gerenciadores de ambiente – aqueles que respondem pela administração do ambiente virtual de aprendizagem.

Com a expansão da EaD e a incorporação das tecnologias digitais na educação, a qualificação profissional tem sido fator primordial para garantir a qualidade e efetividade dos cursos a distância. Diante dessa necessidade, um novo profissional ganha espaço nessa modalidade educacional: é o *Designer Instrucional Virtual* (DI). Este profissional pode ser conceituado como aquele que possui habilidades e conhecimentos voltados para o planejamento didático-pedagógico e a aplicação do mesmo no ciberespaço⁵.

Para exercer o seu trabalho de maneira efetiva o DI precisa:

3 *Software* livre voltado para a realização de cursos em EaD e desenvolvido pelo NIED (Núcleo de Informática Aplicada à Educação) da Unicamp.

4 Ambiente virtual de aprendizagem também concebido para a realização de cursos a distância com o auxílio da internet. Desenvolvido pela empresa Techne e sua utilização é paga.

5 Lévy (2007, p.17) conceitua como sendo "(...) o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo."

- conhecer e saber utilizar o AVA do curso no qual irá atuar;
- saber planejar e gerenciar um curso virtual;
- desenvolver uma proposta formativa na web focada no aprendizado;
- dominar técnicas de avaliação do processo de ensino aprendizagem no ciberespaço;
- ter inteligência interpessoal aprimorada a fim de utilizar meios que incentivem a interação e contribuam com o envolvimento do público de maneira dinâmica, adequada e envolvente;
- conhecer meios que possibilitem a adequação da proposta a diferentes públicos, até mesmo àqueles que possuem alguma necessidade especial.

Referente ao trabalho desse profissional, esta monografia tem o objetivo geral de analisar a proposta de um curso virtual com a visão um DI. Os objetivos específicos se desdobram em:

- identificar se a proposta se adéqua ao público contemplando as necessidades, interesses e potencialidades deste e da instituição para o qual é proposto;
- apontar possíveis ajustes, caso sejam necessários;
- discutir os conhecimentos, habilidades, atitudes e ferramentas que o DI deve dispor no planejamento, elaboração, execução, gerenciamento e avaliação de um curso virtual.

Para tanto, esta pesquisa contará com seis capítulos na seguinte ordem: a *Introdução* que, enquanto parte inicial da monografia, apresenta informações introdutórias que contribuem com o esclarecimento dos objetivos, bem como do tema abordado ao longo da pesquisa; a *Fundamentação Teórica* que evidencia os elementos teóricos que sustentam o trabalho do DI; a *Metodologia* demonstrando os recursos e métodos utilizados para a coleta das informações que subsidiaram o assunto defendido; os *Dados Gerais do DI* apresentando a identificação da instituição, além de suas necessidades e recursos humanos que estarão

envolvidos na proposta de formação; *Dados Específicos do DI* com exposições que possibilitaram identificar as necessidades pedagógicas, tecnológicas, de pessoal e infraestrutura do curso da cliente; e, por fim, as *Considerações Finais* que contemplarão os destaques obtidos ao longo desse trabalho e indicações para futuras pesquisas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A atuação do profissional de DI deve, necessariamente, fundamentar-se em conhecimentos que subsidiam a projeção de soluções educativas para situações complexas que permeiam os processos de formação a distância. Assim, faz-se importante tratar desses elementos que direcionam o trabalho desse profissional.

Inicialmente, entender o que é EaD no que diz respeito ao seu histórico no Brasil e no mundo, bem como seus conceitos, definições, características e vantagens é um aspecto que proporciona ao DI o conhecimento do seu contexto de atuação, a fim de evitar um trabalho incoerente e descontextualizado.

De maneira geral, pode-se entender a finalidade da EaD por meio das palavras de Braga et al. (2007) que explicam:

A proposta da Educação a Distância é oferecer ao aprendiz um processo de interação e comunicação que permite a construção do conhecimento através da colaboração e cooperação de todos (inclusive o professor) os integrantes do curso. Portanto, o principal método é a aplicação da aprendizagem colaborativa mediada por computador. (BRAGA *Et al.*, 2007)

Dessa forma, em curso a distância, no qual o processo de ensino aprendizagem é mediado pelas tecnologias digitais, outro fator que deve ser observado é o ambiente virtual no qual serão socializados os materiais e orientações referentes ao curso, onde também serão postadas as produções dos alunos e onde ocorrerá a comunicação síncrona e/ou assíncrona entre os envolvidos no processo de formação.

Alguns objetivos devem ser primordiais na utilização de um AVA, conforme ressalta Schlemmer (2005):

- Apoiar, ampliar e enriquecer os espaços de convivência, privilegiando a atividade do sujeito na construção do conhecimento, a partir de propostas inter e transdisciplinares.
- Oportunizar um espaço de desenvolvimento-pesquisa-ação-capacitação de forma sistemática e sistêmica, vivenciando uma aprendizagem que implique rupturas paradigmáticas.

- Favorecer o acesso às tecnologias educacionais, aos vários agentes sociais, na perspectiva da construção do conhecimento e das competências sociais. (SCHLEMMER, 2005, p. 36)

Atualmente, existem vários AVAs, dentre estes pode-se citar o TelEduc e o Moodle, como ambientes gratuitos e *Blackboard*, *Cadsoft* e *Microsiga* como proprietários. Cada ambiente dispõe de algumas peculiaridades no que diz respeito à sua estrutura, porém, devem levar em conta o fator principal que é o potencial didático-pedagógico do *software* diante da proposta de formação que se pretende aplicar.

Por meio dessa explicação acerca do que vem a ser um AVA percebe-se que é exatamente nesse espaço virtual que se concretizam os processos de interação, comunicação e interatividade em um curso a distância. Processos estes que merecem significativa atenção do profissional da EaD devido à capacidade que esses três aspectos tem de atuar em prol da permanência ou evasão do aprendiz. A esse respeito Beloni (2007) destaca que:

É fundamental esclarecer com precisão a diferença entre o conceito sociológico de interação - ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre intersubjetividade, isto é, encontro de dois sujeitos - que pode ser direta ou indireta (mediatizada por algum veículo técnico de comunicação, por exemplo, carta ou telefone); e a interatividade, termo que vem sendo usado indistintamente com dois significados distintos em geral confundidos: de um lado a potencialidade técnica oferecida por determinado meio (por exemplo, CD-ROMs de consulta ou jogos informatizados), e de outro, a atividade humana do usuário de agir sobre a máquina, e de receber em troca uma “ação” da máquina sobre ele (por exemplo, jogos virtuais, programas “inteligentes”). (BELONI, 2007)

A interação caracteriza-se pela relação de troca mútua entre as pessoas envolvidas no processo de formação. Esta que está diretamente ligada à comunicação que esses sujeitos estabelecem entre si, pois esse segundo fator indica o ato de transmitir e receber mensagens que contribuem com o aprendizado coletivo e individual. Já quanto à questão da interatividade, esta advém da relação homem-objeto que também está presente no contexto em questão, na medida em que o aprendiz necessita fazer uso de recursos como o computador, a internet, o material didático e demais recursos ou ambientes

hipermidiáticos utilizados para a elaboração e execução das atividades educacionais. Diante da adaptação dos ambientes hipermidiáticos, Oliveira (2006) aponta alguns fatores importantes:

Existem quatro características do usuário utilizadas para prover a adaptação: (1) sua formação (ou curso); (2) sua preferência navegacional; (3) seu conhecimento e; (4) o tipo de conexão de seu ambiente de trabalho. O componente de interface adaptativa utiliza as primeiras 3 características para adaptar a navegação e a apresentação do ambiente. (OLIVEIRA, 2006, p.14)

Portanto, esses processos são influenciados pelas ações das pessoas envolvidas, bem como das mídias utilizadas. Assim, é necessário que a equipe de DI explore recursos e metodologias que estimulem a comunicação constante e garanta o envolvimento do público-alvo com a proposta. Uma alternativa é a aplicação de recursos que explorem diferentes sentidos como o uso de textos, imagens, vídeos, apresentações e a aplicação de atividades coletivas e dinâmicas que rompam com o isolamento.

Nesse cenário, a aprendizagem colaborativa apoiado por computador (CSCL) apresenta-se como uma necessidade no processo de ensino aprendizagem, tanto presencial quanto a distância, porém nesta segunda modalidade carece de uma atenção maior, a fim de evitar a falta de contato entre os participantes e o sentimento de solidão que são fatores que estimulam a apatia e a evasão. Dessa maneira, para que um AVA possibilite a CSCL deve dispor de ferramentas que permitam:

- A interação, por meio de atividades síncronas e assíncronas, entre alunos/formadores, formadores/alunos e alunos/alunos;
- O compartilhamento de informações: conhecimento prévio das experiências pessoais, línguas, estratégias e culturas dos alunos e dos professores;
- A troca de idéias entre professores e alunos;
- A participação em discussões temáticas, a valorização da diversidade, das diferenças, etc.;
- O desenvolvimento de trabalhos em grupos;
- A construção do conhecimento do aluno com a colaboração dos outros participantes do grupo. (BRAGA *Et al.*, 2007)

Outros dois fatores de relevância na projeção de cursos a distância no que diz respeito ao aspecto pedagógico são as Inteligências Múltiplas (IM)⁶ e os estilos de aprendizagem. No que se refere às IMs é preciso se ater ao uso de recursos e metodologias que estimulem e aprimorem as diferentes inteligências dentro do objetivo do curso.

Já quanto aos estilos de aprendizagem, cabe à equipe de formação conhecê-los, saber identificá-los e, o mais importante, adaptar a proposta de formação de maneira sistêmica, a fim de que todos os estilos de aprendizagem detectados no público-alvo sejam atendidos. Para isso, faz-se necessário mesclar o uso de diferentes linguagens, bem como propor tarefas coletivas e individuais, conforme pode ser esclarecido da tabela a seguir.

TABELA 3.1 Técnicas instrucionais *on-line* que abordam estilos de aprendizagem variados.

Estilo ou preferência de aprendizagem	Técnicas instrucionais
Visual-verbal: prefere ler a informação.	<ul style="list-style-type: none"> • Use apoio visual, tal como o <i>PowerPoint</i> ou o <i>whiteboard</i>. • Apresente, sob forma escrita, um sumário do material apresentado. • Use materiais escritos, como livros textos e recursos da internet.
Visual-não-verbal ou visual-espacial: prefere trabalhar com gráficos ou diagramas que representam a informação.	<ul style="list-style-type: none"> • Use material visual, tal como <i>PowerPoint</i>, vídeo, mapas, diagramas e gráficos. • Use os recursos de internet, especialmente aqueles com gráficos. • Use a videoconferência.
Auditivo-verbal ou verbal-lingüístico: prefere ouvir o material apresentado.	<ul style="list-style-type: none"> • Incentive a participação em atividades colaborativas e de grupo. • Use arquivos de áudio em streaming. • Use a audioconferência.
Tátil-cinestésico ou corporal-cinestésico: prefere atividades físicas práticas	<ul style="list-style-type: none"> • Use simulações. • Use laboratórios virtuais. • Exija pesquisa de campo. • Exija a apresentação e a discussão de projetos.
Lógico-matemático: prefere a razão, a lógica	<ul style="list-style-type: none"> • Use estudos de caso. • Use a aprendizagem baseada em problemas.

6 Teoria sistematizada por Howard Gardner (1985), psicólogo cognitivista, que destaca que o ser humano é capaz de desenvolver, através da influência de diferentes fatores (cultural, genético, social etc.), oito tipos de inteligências: lógico-matemática, lingüística, espacial, musical, físico-cinestésica, intrapessoal, interpessoal e naturalista

Estilo ou preferência de aprendizagem	Técnicas instrucionais
e os números.	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhe com conceitos abstratos. • Use laboratórios virtuais. • Incentive a aprendizagem que tem com base o desenvolvimento de habilidades.
Interpessoal-relacional: prefere trabalhar com os outros	<ul style="list-style-type: none"> • Incentive a participação em atividades colaborativas e de grupo. • Use o fórum de discussões. • Use estudos de caso. • Use simulações.
Intrapessoal-relacional: prefere a reflexão e o trabalho com os outros.	<ul style="list-style-type: none"> • Incentive a participação em atividades colaborativas e de grupo. • Use o fórum de discussões. • Use estudos de caso. • Faça uso de atividades que requeiram o acompanhamento individual e de grupo.

Fonte: Palloff e Pratt (2004, p. 60)

Com base no que foi apresentado até o momento é possível perceber que enquanto membro da equipe de gerenciamento do um curso virtual, o DI deve dispor de amplos conhecimentos teóricos e práticos, assim como competências que lhe permitam analisar e aplicar soluções a diversas ocorrências que podem se passar ao longo do processo de formação à distância.

Conhecer as teorias pedagógicas é mais um aspecto que deve fazer parte do leque de competências da equipe de DI, pois ao analisar a proposta de formação é necessário identificar se a mesma se pauta em uma perspectiva cognitivista, sócio-interacionista, construtivista ou comportamentalista, a fim de adaptar estratégias educativas apropriadas à concepção formativa do curso em questão. Assim, é possível saber se a proposta formativa será adaptada de modo que o aprendiz seja apenas instruído a realizar alguma tarefa ou se será induzido a construir o seu próprio conhecimento.

Da mesma forma, conhecer e saber explorar, de maneira didática, os diferentes tipos de mídia como áudio, vídeo, material impresso, dentre outros e a questão dos direitos autorais com relação ao uso destes também se apresenta como mais uma das competências desse profissional. Assim, pode-se perceber que dominar fatores tangíveis e intangíveis de maneira vinculada faz parte da atuação do DI, ou seja, conhecimentos teóricos e práticos devem estar em constante vínculo e coerência com ferramentas e metodologias exploradas.

Diante disso, contar com a atuação de uma equipe multidisciplinar é uma necessidade que favorece a execução de uma proposta educacional não-linear que seja efetiva nos diferentes momentos da concepção de um curso virtual como a estruturação, escolha das ferramentas adequadas, material didático, linguagem, recursos tecnológicos, avaliações, etc. Como ressaltam Benfatti *Et al.* (2007):

(...) o trabalho pedagógico do Designer Instrucional deve estar em total sintonia com o de outras áreas, como por exemplo, conteudistas, designer gráfico e tutores. Com esse procedimento todos devem manter o olhar voltado para os objetivos que a equipe se propôs, que devem estar definidos no programa de educação a distância criado por ela. (BENFATTI *Et al.*, 2007)

Estes aspectos estão diretamente ligados ao planejamento na EaD que deve perpassar pelos recursos humanos, tecnológicos, financeiros e outros como enfatizado pelo Ministério da Educação (MEC) por meio dos Referenciais de Qualidade para EaD (2007):

- (i) Concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem;
- (ii) Sistemas de comunicação;
- (iii) Material didático;
- (iv) Avaliação;
- (v) Equipe multidisciplinar;
- (vi) Infra-estrutura de apoio;
- (vii) Gestão Acadêmico-Administrativa;
- (viii) Sustentabilidade financeira. (BRASIL, 2007, p. 8)

Outros dois fatores que estão interligados e exercem influência direta na qualidade e efetividade de um curso virtual é o lúdico e a afetividade. O primeiro, segundo Leite (2005), visa:

(...) estudar e valorizar um novo processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano por meio do uso de brinquedos, jogos e materiais didáticos coligados que sirvam de suporte para que o sujeito da aprendizagem aprenda de forma mais descontraída, efetiva, eficiente e eficaz. (LEITE, 2005)

Ou seja, na EaD é preciso aplicar estratégias pedagógicas animadoras que envolvam o aprendiz de modo que este sinta-se motivado e envolvido com o

curso, essa questão indica que a afetividade é um fator-chave para o compromisso do aluno na EaD. Diante disso, profissionais, recursos, metodologias, atividades e demais recursos presentes em uma proposta de formação devem despertar esse envolvimento.

Nesse sentido, Bercht *et al.* (2009) enfatiza que os AVAs trazem algumas contribuições, pois:

(...) oferecem possibilidades tecnológicas por meio de recursos como *chat*, fórum, diário de bordo, *webfólio*, entre outros. Dessa forma, permitem que os participantes possam construir um trabalho cooperativo, envolvendo interações virtuais e sociais. A cooperação pode transformar o modo de pensar a partir da convivência e das trocas realizadas. Nessas trocas aparecem fatores como estar ou não motivado, estar ou não aborrecido, estar ou não indiferente, estar ou não frustrado, etc., que devem ser considerados no processo de ensino. (BERCHT *et al.*, 2009, p. 228)

As palavras de Bercht *et al.* (2009) demonstram que os recursos tecnológicos direcionados para a EaD oferecem alternativas para a execução de um trabalho didático-pedagógico diferenciado e, ao mesmo tempo, envolvente, porém de nada adianta o recurso se o capital humano não souber explorá-lo de maneira eficiente.

Na EaD ou em qualquer outra situação em que o sujeito tenha que aprender algo é preciso haver significado nessa aprendizagem, envolvimento e sentimentos positivos. Para isso, a relação com as pessoas (professores, alunos etc.) e com os objetos (ambiente, ferramentas, etc.) devem proporcionar essa afetividade. A equipe que coordena um curso virtual é a principal responsável por proporcionar esses fatores que enriquecem o estar, o aprender e o conviver virtualmente.

É incoerente falar de educação sem falar de inclusão. O processo de formação humana é por si só a ação continuada em prol da constituição profissional, pessoal e social, ou seja, da cidadania. Portanto, por trás de qualquer objetivo acadêmico e/ou profissional de um curso virtual ou presencial a compreensão e o envolvimento do sujeito no mundo é fator primordial.

Nesse sentido, Santos e Radtke (2005) ressaltam que:

Na perspectiva transformadora de uso do computador na educação, a atuação do docente não se limita a fornecer informações aos alunos. Cabe a ele assumir a mediação das interações docente-aluno-computador, de modo que o aluno possa construir o seu conhecimento em um ambiente desafiador, em que o computador auxilie, promovendo o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da auto-estima do aluno. (SANTOS e RADTKE, 2005, p. 328)

Isso quer dizer que ao falar de inclusão em EaD fala-se da facilidade de acesso e da capacidade de fazer parte dos momentos de aprendizagem que envolvem, além do cumprimento de atividades pedagógicas, a relação com formadores e colegas de curso, que são as pessoas responsáveis pelo “calor humano” do curso.

É de expressiva validade frisar a questão da inclusão na EaD abrange não somente pessoas com limitações de espaço, tempo e/ou acessibilidade à educação presencial, mas também pessoas Portadoras de Necessidades Especiais (PNEs). Estas que podem possuir alguma limitação física e/ou mental.

Assim, na elaboração de um curso virtual, a equipe de desenvolvimento do mesmo deve ter um olhar criterioso e inclusivo, a fim de identificar as potencialidades e limitações do público-alvo de modo que a proposta alcance a todos sem excluir ou frustrar. É de suma importância que todos os aprendizes sintam-se e realmente sejam integrantes de uma “engrenagem” em que cada um tenha o seu papel de relevância e contribuição.

Após apresentar vários fundamentos que devem nortear o trabalho do DI na EaD outro fator de relevância de deve ser enfatizado é a avaliação. Esta que Gonzalez (2005, p. 69) conceitua brevemente como sendo “(...) uma reflexão, uma apreciação, sobre o nível de qualidade do trabalho realizado tanto pelos professores quanto pelos alunos.”.

A avaliação pode ser diagnóstica, formativa e/ou somativa. Mas, ainda conforme Gonzalez (2005), na EaD deve passar por algumas atitudes para que os resultados alcançados pelo aluno sejam positivos. São eles:

- os recursos tecnológicos devem ser utilizados para socializar e favorecer a construção de novos conhecimentos;

- é importante que a primeira avaliação dê condições para que os alunos sintam-se à vontade em “se mostrar” e permita conhecer o nível dos participantes;
- as produções devem ser comentadas de maneira clara e objetiva, com reforços e sugestões que realmente ajudem na reflexão dos pontos a serem melhorados. É importante que esse feedback seja fornecido dentro de um prazo coerente;
- evitar expressões que possam ser interpretadas negativamente e alimentar a frustração do aluno;
- conservar todas as versões das produções é importante para acompanhar a evolução do aluno;
- a existência de critérios avaliativos favorece uniformidade da avaliação, bem como o conhecimento do aluno em relação ao que será apreciado em suas produções;
- clareza, pertinência, lógica, estímulo ao raciocínio e à crítica, significação, e coerência com os objetivos do curso;
- a avaliação deve ser processual. Conhecimentos prévios, evoluções, erros, acertos, trocas etc., são aspectos a serem observados na EaD.

É importante ressaltar que todos os aspectos citados até aqui tem relação direta com a qualidade, validade e efetividade de uma proposta de formação a distância. Assim, faz-se necessário que a atuação significativa de um DI seja pautada, fundamentalmente, na análise desses fatores.

Para tanto, alguns autores como Philippe Perrenoud, Andrea Filatro, dentre outros e obras como “Modelos pedagógicos em Educação a Distância”, “Ambientes Virtuais de Aprendizagem”, “Educação a Distância: o estado da arte” etc., são referências que contribuem com a discussão do tema, bem como o alcance dos objetivos dessa pesquisa.

Ao se tratar da atuação do DI é válido fazer uso da conceituação de Perrenoud (2000) sobre o que vem a ser competência. Esta que para o autor, de

maneira sintética, é a capacidade de analisar e resolver situações complexas. No caso do profissional em questão, situações essas de caráter educacional relativas a um novo ambiente de aprendizagem: o ciberespaço; e conseqüentemente, a um público diferenciado e a situações também diversas.

Para Andrea Filatro (2008, p.9) o DI deve dispor de competências que abrangem as três áreas de conhecimento que sustentam o seu trabalho “(...) as ciências humanas, as da informação e as da administração. Essas competências são desenvolvidas por meio de uma formação interdisciplinar combinada à experiência prática.”. Tais competências se referem a questões comportamentais, comunicacionais e gerenciais.

Neste sentido, fica evidente a necessidade de uma qualificação que vá além da formação epistemológica. Conhecimentos, habilidades e atitudes que tangem aspectos didático-pedagógicos, tecnológicos, relacionais e de gestão são imprescindíveis para a efetiva atuação do DI, pois são estas características que fornecem a este profissional, condições de atuar frente às mais diversas e adversas situações às quais ele estará sujeito.

Vale ressaltar que essas situações complexas abrangem instituição, público-alvo, questões de custo e demais aspectos dos quais a proposta educacional possa depender. Assim, tendo a capacidade de analisá-las, o DI terá condições de atender as necessidades dos envolvidos, indicar ajustes necessários e explorar ferramentas e metodologias adequadas ao contexto do curso no qual estará exercendo o seu trabalho.

3. METODOLOGIA

Enquanto um conjunto de atividades que busca investigar e descobrir novos conhecimentos no que diz respeito à atuação do Designer Instrucional (DI), a metodologia utilizada para realização desse trabalho é a pesquisa-ação, devido à mesma perpassar pelos seguintes momentos:

- delimitação da unidade-caso;
- coleta de dados;
- análise e interpretação dos dados;
- redação do relatório;
- ação da pesquisadora enquanto DI sobre o curso de uma cliente.

Para tanto, as informações iniciais do curso foram enviadas pela cliente que apresentou o tema, público-alvo, objetivos e demais aspectos que possibilitaram uma visão panorâmica da proposta de formação. O referencial teórico apresentado no capítulo anterior fundamentou a análise da proposta e os *feedbacks* dados à cliente para o aprimoramento do curso elaborado pela mesma.

As informações enviadas pela cliente foram organizadas em um portfólio de modo que todas elas tivessem uma ligação e possibilitassem uma visão clara do curso, a fim de que o mesmo aconteça de maneira efetiva. Assim, a análise desses dados pautou-se nas necessidades educacionais apresentadas pela instituição, nas particularidades do público aprendiz e na verificação de possíveis restrições.

Desta forma, o produto final do curso que é composto pela elaboração das tarefas, escolha dos recursos utilizados para instrução, as ferramentas tecnológicas etc., é resultado da troca de informações entre DI e cliente. Ou seja, o *check-list* oferecido pela cliente possibilitou a “leitura” do curso e, conseqüentemente, as estratégias didático-pedagógicas que deveriam ser utilizadas no trabalho de DI.

3.1 Recursos utilizados para adaptação do curso no ciberespaço

O curso terá dois encontros presenciais, sendo um de abertura e outro de encerramento. Uma vez que a maior parte do cronograma se passará no ciberespaço, propôs-se a utilização do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) TelEduc, devido a aspectos relacionados a custo, ferramentas pedagógicas, acessibilidade, didática, etc.

Este AVA pode ser claramente apresentado por meio da descrição contida no site do próprio desenvolvedor:

O TelEduc é um ambiente para a criação, participação e administração de cursos na Web. Ele foi concebido tendo como alvo o processo de formação de professores para informática educativa, baseado na metodologia de formação contextualizada desenvolvida por pesquisadores do Níed (Núcleo de Informática Aplicada à Educação) da Unicamp. (...) A intensa comunicação entre os participantes do curso e ampla visibilidade dos trabalhos desenvolvidos também são pontos importantes, por isso foi desenvolvido um amplo conjunto de ferramentas de comunicação como o Correio Eletrônico, Grupos de Discussão, Mural, Portfólio, Diário de Bordo, Bate-Papo etc., além de ferramentas de consulta às informações geradas em um curso como a ferramenta Intermap, Acessos, etc. (TELEDUC, 2009)

A apresentação acima destaca os responsáveis pela criação, a finalidade educacional do ambiente, bem como suas ferramentas que permitem aplicar um trabalho pedagógico pautado na interação, interatividade, criação, colaboração, reflexão e comunicação síncrona e assíncrona. Aspectos fundamentais para um processo de formação virtual.

No que diz respeito aos formadores, tutores e demais profissionais envolvidos, a facilidade de uso e a diversidade de ferramentas que possibilitam a disponibilidade de material, o contato com alunos e formadores, a avaliação e o acompanhamento são fatores que contribuem com a qualidade e efetividade do curso.

A respeito da escolha do AVA na EaD Braga *et al.* (2007) fazem uma consideração importante:

A aprendizagem em um ambiente virtual pode potencializar uma rede de interações, transações e produções compartilhadas que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem.

Seja qual for o ambiente adotado é necessário que se leve em consideração as intenções pedagógicas presentes desde a sua concepção, planejamento, implementação e avaliação, envolvendo assim interações do professor com os alunos e entre os alunos. (BRAGA *et al.*, 2007)

Partindo dessa concepção que concebe ao professor o papel de mediador humano que deve conhecer e saber utilizar recursos didáticos, pedagógicos e tecnológicos que atendam às necessidades de aprendizado da sociedade contemporânea é que o trabalho de DI na análise e no ajuste da proposta de formação da cliente se pautou.

Dessa forma, além do AVA mais outros três recursos foram importantes para a conclusão do trabalho de DI: o mapa de atividades, a matriz com o detalhamento das atividades e o *storyboard*. O primeiro foi utilizado com o propósito de orientar o professor no passo a passo de cada atividade a ser realizada. As seguintes informações fizeram parte da estruturação desse mapa, levando em consideração cada unidade da proposta de formação apresentada pela cliente:

- Aula / período;
- Unidade / tema;
- Sub-temas;
- Objetivos;
- Atividades teóricas/ recursos;
- Atividades práticas / ferramentas.

Já a matriz contou com o esboço de informações mais amplas com relação à atividades práticas do curso como descrição da atividade, critérios avaliativos, tipo de interação, prazos, *feedback* etc. Sobre a validade dessa ferramenta no trabalho do DI, Filatro (2008) aponta que:

De fato, por meio da matriz, podemos definir quais atividades serão necessárias para atingir os objetivos, bem como elencar

quais conteúdos e ferramentas serão precisos para a realização das atividades. Podemos também estabelecer como se dará a avaliação do alcance dos objetivos. A matriz permite ainda verificar quais serão os níveis de interação entre o aluno e os conteúdos, as ferramentas, o educador e os outros alunos e que tipo de ambiente virtual será necessário para o desempenho das atividades. (FILATRO, 2008, p.44)

Já quanto ao *storyboard*, o mesmo foi elaborado com base nas informações da cliente a fim de funcionar como, ainda nas palavras de Filatro (2008, p. 60) “(...) uma série de esquetes (cenas) e anotações que mostram visualmente como a seqüência de ações deve se desenrolar.” com relação às unidades do curso proposto.

Esses recursos poderão ser visualizados no capítulo seguinte na forma em que foram estruturados no trabalho de DI para o curso da cliente.

4. Dados Gerais do *Design* Instrucional Virtual

Com o propósito de realizar um diagnóstico efetivo acerca do curso da cliente, informações referentes à identificação da instituição, além de suas necessidades e recursos humanos que estarão envolvidos na proposta de formação contribuem com a efetividade com o trabalho de DI. Sendo assim, esse capítulo apresentará tais informações.

O local onde o curso será oferecido não foi diretamente especificado pela cliente, porém, de acordo com o público-alvo e com a Instituição na qual a cliente trabalha, pôde-se deduzir que será oferecido e realizado em uma IES particular, a qual indica dispor de biblioteca, laboratórios de informática e salas de aula equipadas com recursos multimídia para a realização das aulas em uma infraestrutura sem necessidades de novas adaptações.

Muitos cursos de graduação, especialização e extensão da IES na qual a cliente atua já fazem uso da modalidade EaD em algumas disciplinas ou até mesmo em todo o calendário do curso. Os objetivos do curso são: formar profissionais para atuarem na área de EaD e apresentar e conhecer o AVA. Há um Núcleo de Educação a Distância (Nead) no qual conta-se com a atuação de engenheiros e pedagogas com várias experiências e formações complementares que lhes dão competência a exercer as atividades necessárias para o desenvolvimento da proposta.

Com relação ao suporte tecnológico para o desenvolvimento de material didático digital, como tutoriais, bibliotecas virtuais, vídeos, textos, animações, fotos e áudios, o mesmo já é oferecido pelos profissionais que atuam no Núcleo. Serão utilizados materiais científicos de acesso ao público, disponíveis no ciberespaço, bem como produções próprias da equipe do Núcleo.

A equipe do Núcleo dispõe de formação e experiências profissionais que atendem às competências necessárias para o desenvolvimento da proposta de formação da cliente. Uma vez que a instituição dispõe de infraestrutura e recursos

humanos para oferecimento do curso os gastos se concentrarão na remuneração dos profissionais. Um investimento financeiro pautado na formação, atividade desempenhada e quantidade de horas dedicadas ao trabalho. A longo prazo será necessário vislumbrar outros gastos a fim de aprimorar a proposta no que diz respeito a aspectos como o uso de outros AVAs, aumento do número de alunos, utilização de novas ferramentas, reciclagem da equipe etc.

No próximo capítulo será apresentado outro fator significativo para o trabalho de DI: os dados específicos do DI virtual do curso da cliente.

5. Dados Específicos do *Design* Instrucional Virtual do Curso de Formação de Professor Virtual

A fim de obter uma visão panorâmica com relação a aspectos peculiares do curso, algumas exposições são necessárias para identificar as necessidades pedagógicas, tecnológicas, de pessoal e infra-estrutura do curso da cliente. Essas serão nesse capítulo apresentadas.

O tema do curso da cliente é “Formação de Professor Virtual”. Conforme informações do Mapa de Atividades, os objetivos da proposta de formação são os seguintes:

- Conhecer e aprender a utilizar o TelEduc;
- Conhecer a finalidade da EaD;
- Conhecer e entender as leis que regem a EaD;
- Apresentar o perfil do aluno e do professor na EaD.

A proposta se adéqua ao público interno e externo da instituição, desde que atendam aos seguintes critérios:

- faixa etária: a partir dos 20 anos;
- grau de escolaridade: graduandos ou graduados;
- pré-requisitos: acesso à internet, editor de textos e imagens e disponibilidade de pelo menos 1h30 diária para dedicação ao curso.

O AVA utilizado para a execução do curso será o TelEduc e, diante das atividades teóricas e práticas também verificadas no Mapa de Atividades, o curso poderá explorar editores de texto e apresentação, internet, vídeos, imagens e animações. De acordo com a proposta, objetivos e público, os módulos poderão ser semanais, a fim de que haja efetividade na participação dos aprendizes.

O curso conta com dois encontros presenciais, sendo um no início do curso e outro ao final do mesmo, a fim de promover uma aproximação dos participantes e tranquilizar aqueles que ainda não tem muita familiaridade com essa dinâmica virtual. Atividades síncronas e assíncronas serão exploradas de modo que os aprendizes possam vivenciar as diferentes possibilidades que podem ser trabalhadas na EaD e em quais momentos se adéquam, já que a proposta é formar um profissional da área.

Conforme o Mapa de Atividades da cliente, a periodicidade das tarefas propostas já foi definida. Os três tipos de avaliação serão utilizados em diferentes momentos da formação. O curso precisa explorar diferentes mídias a fim de que os cursistas saibam o seu potencial e, conseqüentemente, façam uso adequado das mesmas durante sua futura atuação. A 13ª atividade visa o aprendizado colaborativo, pois se propõe fazer uma apresentação coletiva sobre os modelos educacionais para postagem no Portfólio.

Os tipos de linguagem formal e não-formal serão utilizados devido ao público e à proposta de formação. Haverá momentos individuais e coletivos. Experienciar os dois tipos de atividades dará aos aprendizes a oportunidade de conhecer, por meio da prática, a potencialidade de cada um e em quais momentos são apropriados. Ao final de cada atividade, os formadores terão um prazo para postar o comentário da tarefa realizada por meio da ferramenta Avaliações ou por meio dos Comentários, quando este estiver disponível dependendo da ferramenta utilizada.

No capítulo seguinte serão apresentados três recursos que favorecem o trabalho do DI no planejamento do curso virtual.

6. Recursos de Design Instrucional Virtual do Curso (Mapa de Atividades, Matriz de Detalhamento e *Storyboard* - SB)

6.1 Mapa de atividades

Vale ressaltar que, quando se planeja um curso virtual, é preciso ter cuidado para não cometer o erro de simplesmente fazer uso de uma proposta educacional tal qual como ela foi aplicada na modalidade presencial. Ou seja, é importante considerar que na EaD o contexto de aprendizagem é diferente do presencial, portanto, o “fazer” e o “acontecer” de um curso a distância devem contemplar essa diferença.

Nesse sentido, Behar (2009) aponta que:

Uma das características que definem a EaD é que ela é constituída por um conjunto de sistemas que partem do princípio de que os alunos estão separados do professor em termos espaciais e, muitas vezes ou na maioria das vezes, temporais. Essa distância não é somente geográfica, mas vai além, configurando-se em uma distância transacional, “pedagógica”, a ser gerida por professores, alunos, monitores/tutores. Assim, o papel das TICs é contribuir para “diminuir” essa “distância pedagógica”, assegurando formas de comunicação e interação entre os “atores” envolvidos no processo de construção de conhecimento pela EaD. (BEHAR, 2009, p. 23)

Os profissionais da EaD, mais especificamente a equipe de DI que é responsável por criar alternativas e soluções educacionais em uma proposta de formação, precisam fazer uso de recursos que facilitem esse trabalho de aplicar um processo de ensino aprendizagem coerente e válido para o público ao qual esse se aplica.

O mapa de atividades é uma alternativa que favorece o planejamento e a execução de um curso virtual, uma vez que detalha todas as tarefas que serão propostas, de modo que, por meio dessa orientação, as atividades possam ser inseridas no AVA de maneira clara, concisa e didática.

Para elaborar um mapa de atividades de maneira fidedigna com o seu real propósito faz-se necessário dispor de todas as informações referentes aos seguintes tópicos:

- periodicidade das aulas;
- conteúdos/temas de cada aula/unidade;
- tópicos ou sub-temas abordados em cada unidade;
- objetivos específicos das atividades, unidades e sub-temas;
- atividades teóricas e seus recursos/ferramentas;
- atividades práticas e seus recursos/ferramentas;

Dessa forma, para que o esboço das atividades do curso direcione de maneira precisa e efetiva o trabalho do DI, cabe ao cliente oferecer o máximo de informações que permitam a estruturação de um mapa condizente com os objetivos educacionais.

Uma sugestão no que diz respeito à periodicidade das tarefas propostas é aplicar prazos não muito longos que possam favorecer o não cumprimento das atividades, mas ao mesmo tempo, estipular períodos que contribuam produções bem elaboradas.

Outro aspecto relevante é a mescla de atividades individuais e coletivas que possibilitem o aprendizado colaborativo baseado na troca e na cooperação. Estipular objetivos com foco no educando e fazer uso de metodologias, ferramentas e recursos que favoreça os diferentes estilos de aprendizagem, alcançando assim uma maior diversidade de público.

A seguir tem-se o mapa de atividades para o curso de Formação de Professor Virtual (tabela 1), solicitado pela cliente. Neste, a primeira aula se refere à abertura do curso com um encontro presencial no qual serão realizadas atividades de ambientação no AVA com uma carga-horária total de 3h. Esta introdução ao TelEduc não está contabilizada nas horas totais do curso. As demais aulas totalizam um total de 30h de acordo com o que foi planejado.

Tabela 01: Mapa de atividades do curso de Formação de Professores para EaD

Aula/ Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Sub-unidades (Sub- temas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e recursos/ferramentas de EaD	Atividades práticas e recursos/ferramentas de EaD
Aula Inicial (1º dia / Ambientação) – Abertura com encontro presencial / 3h	Conhecendo o ambiente TelEduc	Entendendo a finalidade do AVA e aprendendo a utilizar suas ferramentas	Conhecer e aprender a utilizar o TelEduc;	<p>Atv 1: Leituras:Tutorial do TelEduc e ferramenta Estrutura do Ambiente</p> <p>Ferramenta: Material de Apoio</p> <p>Recurso: Internet</p> <p>Atv 2: Navegar e conhecer as ferramentas Estrutura do ambiente, Dinâmica do Curso e Agenda</p> <p>Ferramentas: Estrutura do Ambiente, Dinâmica do curso e Agenda</p> <p>Recurso: AVA</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Configurar senha - Perfil - Correio - Mural - Estrutura do Ambiente - Dinâmica do curso - Agenda
1ª Semana / Aula 1 / 9h	O que é EaD	Histórico da EaD no Brasil e no mundo	Conhecer a finalidade da EaD.	<p>Atv 3: Leitura do texto de José Manuel Moran sobre "O que é Educação a Distância".</p> <p>Ferramenta: LEITURAS</p> <p>Recurso: Internet</p> <p>Atv 5: Leitura do texto: "Novos desafios para o Educador".</p> <p>Ferramenta: LEITURAS</p> <p>Recurso: Internet</p>	<p>Atv 4: - Anotar pontos principais no Diário.</p> <p>Ferramenta: DIÁRIO</p> <p>Recurso: Internet</p> <p>Atv 6: - Participar do Fórum para discutir os temas abordados nos textos.</p> <p>Ferramenta: FÓRUM DE DISCUSSÃO</p> <p>Recurso: Internet</p>

Aula/ Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Sub-unidades (Sub- temas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e recursos/ferramentas de EaD	Atividades práticas e recursos/ferramentas de EaD
2ª Semana / Aula 2 / 9h	EaD e a Legislação	Leis e referenciais de qualidade.	Conhecer e entender as leis que regem a EaD.	<p>Atv 7: Leitura das leis e referenciais de qualidade.</p> <p>Ferramenta: Leituras e Material de apoio.</p> <p>Recurso: Internet, site do MEC</p>	<p>Atv 8: - Responder exercícios disponíveis no TelEduc</p> <p>Ferramenta: Exercícios</p> <p>Recurso: Internet</p> <p>Atv 9: - Reflexões sobre a aprendizagem no Diário de Bordo.</p>
3ª Semana / Aula 3 / 9h	O papel do aluno e do professor na EaD	Estilos de aprendizagem na EaD	Conhecer o perfil do aluno e do professor na EaD.	<p>Atv 10: Leituras do texto de Preti “Autonomia do aprendiz na educação: significados e dimensões”.</p> <p>Ferramenta: LEITURAS</p> <p>Recurso: Internet</p> <p>Atv 12: Texto: “Tendências da educação online no Brasil” - Moran</p> <p>Texto: “Os modelos educacionais na aprendizagem online”.</p> <p>Ferramenta: Leituras</p> <p>Recurso: Internet</p>	<p>Atv 11: - Exercícios disponíveis no Teleduc</p> <p>Ferramenta: Exercícios</p> <p>Recurso: Internet</p> <p>Atv 13: - Fazer uma apresentação (em grupo) sobre os modelos educacionais e postar no Portfólio.</p> <p>Ferramenta: Portfólio</p> <p>Recurso: Internet e editor de texto/imagem</p> <p>Recurso: Internet</p>
Aula 4 (encontro presencial de encerramento do curso) / 3h	Reflexões sobre a aprendizagem a distância	Aprendizagem virtual	Refletir sobre o que foi aprendido ao longo do curso e que poderá ser aplicado	<p>Ativ. 14: vídeo "Aprendizagem virtual"</p> <p>Recurso: Internet</p>	<p>Atv 15: - Reflexões finais sobre o curso no Diário de Bordo</p> <p>Ferramenta: Diário de bordo</p>

De acordo com o esboço do mapa, duas aulas de caráter introdutório são propostas com o intuito de apresentar o AVA aos aprendizes de modo que os mesmos possam se familiarizar com as ferramentas que serão utilizadas nas atividades futuras, bem como conhecer o ambiente enquanto um dos recursos a serem utilizados pelo profissional da EaD, este que o curso visa formar.

Em seguida, devido ao objetivo principal do curso, que é formar o professor para atuar em cursos virtuais, o cronograma foi distribuído em três semanas. Cada semana de aula será destinada ao trabalho de um tema o qual será introduzido, em cada semana, por meio de mídias diferenciadas, porém acessíveis via ciberespaço.

As tarefas (fóruns, exercícios, leituras, etc.) vinculadas a cada unidade/semana de aula serão disponibilizadas logo no início da semana, de modo que haja prazo para os alunos trocarem informações entre si, com os tutores e formadores, aprofundarem as pesquisas e se envolverem com o processo de formação, de maneira significativa e efetiva por meio de aspectos como troca, colaboração, proatividade, construção, etc.

6.2 Matriz de DI

Em um processo de formação faz-se importante o esboço de qualquer informação referente a uma atividade ou momento do curso, de modo que se possa ter clareza do que será proposto, bem como uma visão ampla de tudo o que se deve ser contemplado em determinado momento como objetivos, critérios de avaliação, prazos, leituras, atividades, etc.

Sendo assim, no trabalho do DI, assim como o mapa de atividades, outro recurso válido para organização desses elementos, porém com informações mais amplas com relação às atividades práticas, é a matriz. Esta que serve como um meio de orientação para todos os envolvidos no planejamento e desenvolvimento do curso de maneira clara e simples conforme abaixo (tabela 2). Nesta monografia, a matriz de DI apresentada se trata das aulas três e quatro do mapa de atividades da cliente.

Tabela 02: Matriz de DI do curso de Formação de Professores para EaD

Ambiente virtual de aprendizagem: TelEduc Curso/disciplina: Formação de professor virtual Professor: Denise Faria Designer Instrucional: Ketiuce Ferreira Silva									
Identificação da Atividade	Descrição/proposta da dinâmica	Objetivo(s)	Critérios / avaliação	Tipo de interação	Prazo	Ferramenta	Conteúdo(s) de apoio e complementares	Produção dos alunos / avaliação	Feedback
1ª Semana (de segunda a sábado) Aula 1 9hs	<p>Após a leitura dos textos indicados para realização da tarefa proposta, os alunos deverão participar do Fórum de Discussão a fim de registrar suas observações acerca das leituras, bem como interagir com os colegas ao longo da semana. Ao final da semana, registrar no Diário de Bordo suas observações pessoas sobre o aprendizado da semana. As dúvidas poderão ser esclarecidas com a equipe de formadores via Correio ao longo da semana.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer melhor o histórico da Ead no Brasil e no mundo; - Aprimorar conhecimentos sobre a finalidade da modalidade de Educação a Distância. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação e interação com os colegas no fórum de discussão sobre a abordagem dos textos propostos para leitura - Criatividade e coerência temática no registro das percepções obtidas das leituras e discussão no Diário de Bordo. 	Individual (Diário de Bordo) e coletiva (Fórum de Discussão)	5 dias úteis	<ul style="list-style-type: none"> - Correio - Fórum de Discussão; - Diário de Bordo 	Textos de José Manuel Moran sobre "O que é Educação a Distância" e "Novos desafios para o Educador".	Participação e interação no fórum de discussão e registro no Diário de Bordo.	O <i>feedback</i> será dado após 3 dias úteis de encerramento da atividade por meio do Correio.

<p>2ª Semana (de segunda a sábado) <u>Aula 2</u> 9hs</p>	<p>Após realizarem as leituras propostas para a semana, os cursistas deverão responder os exercícios postados no AVA e construirão o texto que deve contemplar o conteúdo da semana anterior e o da semana vigente para ser postado no portfólio individual. As dúvidas poderão ser esclarecidas com a equipe de formadores via Correio ao longo da semana.</p>	<p>- Conhecer um pouco da legislação e dos referenciais de qualidade da EaD</p>	<p>- Será avaliada a pesquisa feita, bem como o texto produzido, abordando os pontos principais, coerência, ortografia e gramática.</p>	<p>Individual</p>	<p>5 dias úteis</p>	<p>- Portfólio - Exercícios - Correio</p>	<p>Leitura da legislação e dos referenciais de qualidade da EaD disponibilizados no site do MEC.</p>	<p>- Realização dos Exercícios propostos no AVA sobre a temática da semana. - Elaboração de um texto contemplando o aprendizado da semana anterior e da atual e postá-lo no portfólio.</p>	<p>O <i>feedback</i> da elaboração textual será dado em até 5 dias úteis após o encerramento da atividade por meio dos comentários do portfólio individual do aluno. Quanto ao Exercício, serão disponibilizados nota e comentário pela própria ferramenta em até 3 dias após o término do prazo.</p>
--	---	---	---	-------------------	---------------------	---	--	--	---

A matriz de DI apresentada anteriormente traz o detalhamento das atividades práticas das duas primeiras aulas do curso da cliente. Nesta matriz faz-se necessário apresentar, de maneira criteriosa, todas as informações referentes às tarefas de uma unidade de aprendizagem.

É indispensável nesse esboço apresentar todas as informações que indiquem o percurso da atividade, prazos, objetivos de aprendizagem, tipo de produção e interação, ferramentas, fontes de pesquisa e como se dará a avaliação ao final da unidade. Lembrando que essa mensuração deve ter condições de verificar se os objetivos de aprendizagem da unidade foram alcançados. Ou seja, todas as informações devem estar em sintonia.

Conforme ressalta Filatro (2008), após preenchida, a matriz de DI deve esclarecer, do ponto de vista do aluno, se a proposta do curso está clara, se os elementos de cada tópico colaboram com o alcance dos objetivos educacionais de cada etapa e se os elementos das unidade estão conectados.

Já do ponto de vista do formador, a matriz também é válida para identificar os aspectos que possam favorecer os momentos futuros do curso, contribuindo com o ritmo do processo de aprendizagem.

6.3 Storyboard (SB)

Ao realizar o trabalho de estruturação de uma proposta de formação virtual, o DI deve dispor de recursos que registrem esse detalhamento. O *Storyboard* (SB) é uma ferramenta utilizada para esta finalidade. Este que possibilita documentar o passo a passo do fluxo de aulas, atividades e/ou conteúdos.

Filatro (2008) faz uma colocação importante acerca da finalidade do SB enfatizando que:

O importante, de fato, é comunicar à equipe de produção as idéias e a perspectiva visual sobre o produto final, deixando o mínimo de decisões para o acaso, e ter sempre em mente que o SB funciona como (1) documentação das decisões relacionadas ao *design* instrucional, (2) base para a gestão, o controle e a comunicação do projeto e (3) demonstração do produto final para os diversos interessados. (FILATRO, 2008, p. 61)

Construído em estruturas linear ou sistêmica, o SB deve conter informações claras que funcionem como um meio de orientação efetiva para a equipe do curso, de modo que seja possível ter uma visão ampla do curso, bem como do seu ritmo, atividades, conteúdos, material didático, ferramentas tecnológicas, mídias e demais aspectos necessários para a boa execução do curso.

Abaixo está um exemplo de SB construído com base nas duas primeiras aulas da cliente. A elaboração do mesmo buscou apresentar, de maneira sequenciada, todos os momentos da aula, ou seja, um desenho cronológico de cada ferramenta a ser acessada no AVA, bem como o que deve ser realizado em cada atividade proposta na unidade em questão.

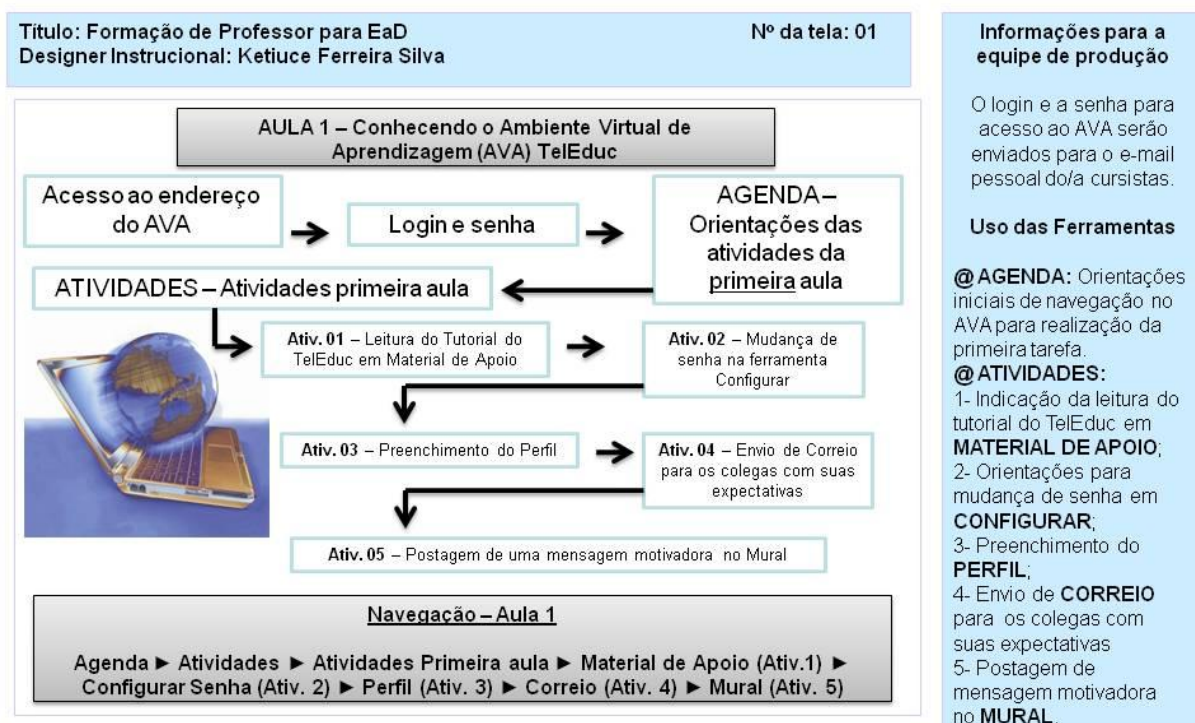


Figura 01: SB - Aula 01 do curso de Formação de Professores para EaD

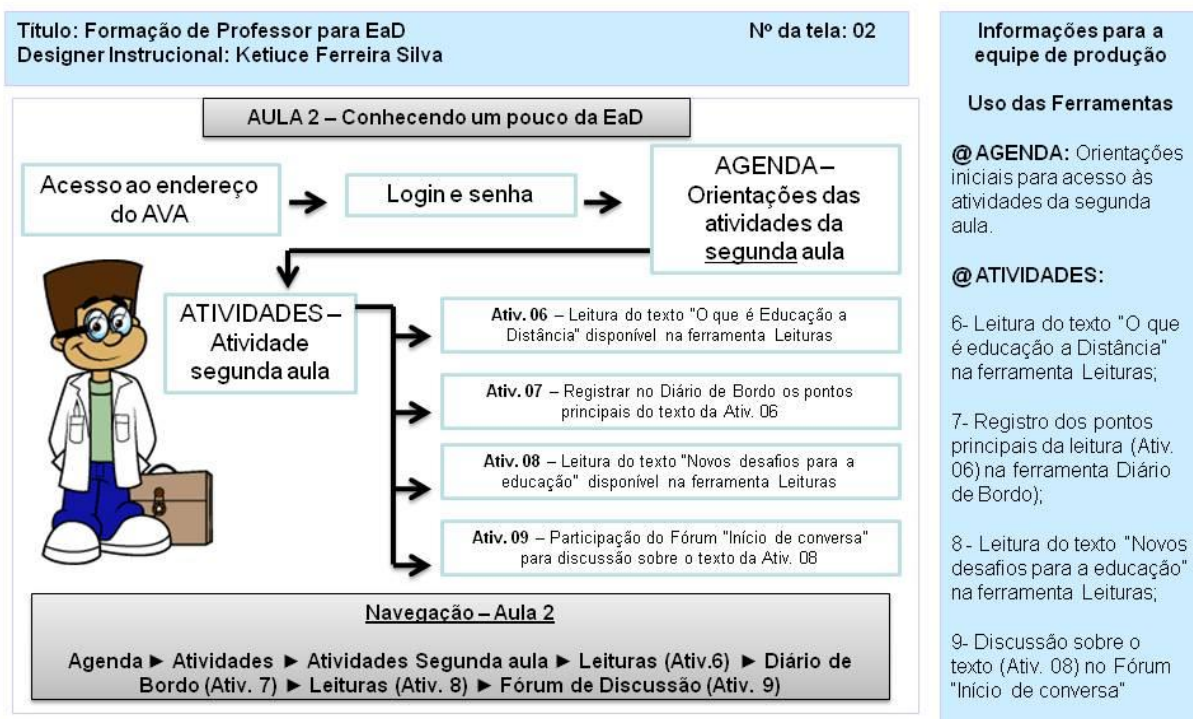


Figura 02: SB - Aula 02 do curso de Formação de Professores para EaD

6.4 Análise geral do *design* instrucional do curso

De maneira geral, pode-se dizer que as informações passadas pela cliente facilitaram o trabalho de DI no curso em questão. A proposta é válida e condizente com as necessidades educacionais da sociedade contemporânea.

Com relação, especificamente, ao material instrucional cabe observar que a atenção foi criteriosa, pois conforme ressalta Fidishun (s/d) apud Pallof e Pratt (2004):

A educação superior tem dado prioridade à integração da tecnologia ao currículo. À medida que isso ocorre, as instituições se deparam com muitas questões que dizem respeito ao fato de fazer com que as aulas funcionem tecnologicamente... É, portanto, fácil deixar de lado o *design* instrucional de tais currículos para manter sob controle todas as questões referentes à tecnologia. Os professores precisam aprender a teoria da elaboração de tecnologia instrucional para que possam criar aulas que não sejam apenas eficazes tecnologicamente, mas significativas para o ponto de vista do aluno. (FIDISHUN, s/d, apud PALLOF e PRATT, 2004, p. 14).

Dessa forma, as intervenções realizadas sobre a proposta da cliente tiveram como objetivo principal contribuir com a efetividade didática e pedagógica da proposta de formação por meio da adaptação de recursos pautados no planejamento de um curso virtual efetivo.

Tal efetividade foi buscada com a adequação de atividades, recursos, métodos avaliativos e demais aspectos necessários para que uma proposta de formação na modalidade a distância seja acessível, significativa, tenha efetividade cognitiva e motivacional e, o mais importante, atinja os objetivos de aprendizagem.

O resultado final da proposta de formação da cliente se deu em função de quatro aspectos essenciais: planejamento, desenvolvimento, execução e avaliação. Em função de ser um curso a distância, o diferencial se destaca no primeiro e no último momento, pois estes, na EaD, devem ser realizados de maneira peculiar, uma vez que tal modalidade não dispõe de um modelo pedagógico específico, mas requer procedimentos específicos às características da modalidade educacional, com relação aos procedimentos avaliativos e de planejamento.

Inicialmente, obter o máximo de informações possíveis com relação ao curso é um fator que favorece o ato de planejar as estratégias pedagógicas utilizadas ao longo da proposta formativa. Com essas informações, torna-se possível obter uma visão abrangente do curso e, conseqüentemente, articular conhecimentos e práticas em prol do uso adequado e efetivo de todos os aspectos que norteiam um curso virtual como o AVA, ferramentas de comunicação, tipos de mídias, atividades individuais e/ou coletivas, *feedback* etc.

Assim, para o profissional da EaD faz-se importante entender e realizar o planejamento de maneira diferenciada contemplando não somente conteúdo, relação professor/aluno e avaliação, mas fatores que determinam o ritmo e a qualidade do curso virtual como as necessidade, potencialidades e limitações do público-alvo, tipos de comunicação, interação, interatividade, afetividade, dinamismo, colaboração, troca etc. Ignorar essa peculiaridade da EaD é atuar a favor da evasão bem como da desvalorização e falta de validade dos cursos a distância.

Com um planejamento coerente o desenvolvimento e a execução da proposta de formação à distância serão facilitados, pois os critérios necessários para que o curso evolua e se realize já foram apontados e bastam apenas serem colocados em prática de acordo com o que foi planejado.

Quanto ao processo avaliativo, este deve se dar do início ao fim do curso, buscando incentivar e valorizar, por meio da mescla dos três tipos de avaliação (diagnóstica, formativa e somativa), ações como colaboração, troca, proatividade e interação. Concepção esta que fundamentou o trabalho de DI no curso da cliente, conforme dados apresentados em tópicos anteriores.

Outro item importante a ser ressaltado são os riscos que podem nortear a realização de um curso virtual. Considerado que a possibilidade de insucesso é fator presente em qualquer situação, o que se tem a fazer é dispor de estratégias para lidar com um incidente caso o mesmo ocorra.

Dessa forma, faz-se necessário dispor de algumas alternativas que sejam rápidas e aplicáveis em caso de problemas de caráter financeiro, pessoal, infraestrutura, concorrência etc. Ou seja, ainda no planejamento é preciso contemplar possíveis riscos que possam ameaçar a realização do curso.

Cabe aos profissionais da equipe de desenvolvimento e gestão do curso atender a toda e qualquer necessidade que a proposta exige para se manter. Riscos de caráter físico, financeiro, de pessoal, dentre outros, podem se fazer presentes, gerando ameaças para a continuidade do curso. Para tanto, com base na intervenção da DI, percebeu-se que alguns aspectos merecem atenção como:

- política condizente com o perfil do público-alvo no que diz respeito à acessibilidade, adaptabilidade e localidade do mesmo;
- decisões de contingência em caso de rompimento e/ou substituições de membros da equipe;
- alternativas para lidar com dificuldades de caráter tecnológico, social, de infraestrutura etc.;
- perspectiva de durabilidade e atualização da proposta, bem como das ferramentas tecnológicas e da teoria utilizados;

- gerenciamento de gastos e ganhos a fim de evitar problemas de custo financeiro;
- prática de uma oferta coerente com a demanda e capaz de enfrentar a concorrência.

Sendo assim, a questão que norteia o tratamento de riscos na EaD é, em primeiro lugar, executar um planejamento abrangente que aponte alternativas efetivas em caso de aparecimento de possíveis ameaças; segundo é acompanhar de maneira constante todo o processo, a fim de identificar problemas o quanto antes; e terceiro é colocar em prática as alternativas de contingência com agilidade sem afetar a qualidade e continuidade do curso.

7. Considerações finais

Quando se fala em educação, de maneira geral, faz-se referência à formação humana para a vida, uma formação que contemple diferentes áreas ocupadas pelo sujeito. Sendo assim, é inerente pensar na construção intelectual e empírica que são necessárias ao indivíduo para o seu crescimento social, profissional e acadêmico e que se evidenciam quando o assunto é educação.

Especificamente, com relação à EaD essa realidade recebe ainda mais atenção devido às peculiaridades de uma modalidade educacional caracterizada pelo processo de ensino aprendizagem apoiado pelas tecnologias digitais e mediado por profissionais que, além de dominarem, não somente os recursos digitais devem, principalmente, dispor de competências condizentes com um novo espaço de aprendizado: o ciberespaço.

Dessa forma, fica evidente que a formação do profissional que atua nessa modalidade torna-se cada vez mais necessária para que a EaD se mantenha e conquiste novos públicos e contribua com o progresso educacional.

A cada necessidade detectada na educação, faz-se importante encontrar com agilidade uma solução que elimine falhas e amplie resultados positivos. A existência de diferentes profissionais (professores, tutores, coordenadores, *designers* etc.) comprova esse constante processo de adaptação em prol da efetividade dos processos formativos.

O DI apresenta-se como um dos profissionais que contribuem com esse trabalho. Um trabalho pedagógico pautado em aspectos como planejamento, aprendizado, organização, coerência, ritmo, e foco nos objetivos educacionais.

Assim, mesmo que não haja domínio total do que foi apresentado ao longo deste trabalho, atuar enquanto DI requer conhecimento no que foi abordado a fim de que sua atuação seja efetiva e tenha qualidade. Um profissional fluente diante do uso das TICs a favor do processo de ensino aprendizagem realizado no ciberespaço e adepto à educação enquanto um processo acessível, adequado,

coerente, inclusivo e pedagógico que contemple as dimensões do desenvolvimento educacional.

A proposta de formação apresentada pela cliente é válida e pertinente, pois diz respeito à formação docente na sociedade contemporânea que carece de profissionais aptos a exercerem o ofício de ensinar de maneira diferenciada e no ciberespaço.

A fim de continuar aplicável, o projeto deve se manter atualizado com relação aos tópicos que permeiam as discussões sobre o tema, explorar ferramentas e mídias que despertem maior atenção e envolvimento do público-alvo, contar com uma equipe atualizada no que diz respeito a conhecimentos teóricos e práticos, dispor de infra-estrutura necessária e acessível, manter o foco nas necessidades de aprendizado com qualidade.

O trabalho de DI realizado no curso da cliente permitiu colocar em prática a teoria que fundamenta o trabalho de planejamento, desenvolvimento e execução que faz parte da dinâmica de um curso virtual. Aspectos como qualidade e efetividade, interação e interatividade, tipos de comunicação, avaliação, *feedback*, relação educador/educando, afetividade, acessibilidade, ensino e aprendizagem, recursos audiovisuais dentre outros puderam ser estudados e adaptados com foco no aprendizado.

Assim, com base no que foi vivenciado ao longo da elaboração desse trabalho, alguns aspectos ficam como indicação de novos aprofundamentos como a participação do DI no *design* pedagógico do material didático utilizado na EaD, a necessidade ou não de um modelo pedagógico específico para essa modalidade e os princípios que fundamentam o processo avaliativo na EaD.

REFERÊNCIAS

BEHAR, Patricia Alejandra (Org.). **Modelos pedagógicos em Educação a Distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 309 p.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância mais aprendizagem aberta**. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/art_educacao_a_distancia.asp>. Acesso em: 31 maio 2007.

BENFATTI, Eliana de Fátima S. S.; BRAGA, Dilma Bustamante; Et al. Desenvolvendo cursos para web focados do aprendizado. **Livro Digital**. 2007. Disponível em: <<http://www.ead.unifei.edu.br/~novolivrodigital/geraLivro.php?codLivro=18&IdSess=LD28052009110750>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

BRAGA, Dilma Bustamante; FRANCO, Lucia R. H. R.; MACHADO, Ana Lúcia; SOUZA, Fabrícia Ferreira de. Capacitação em ambiente de aprendizagem virtual. **Livro Digital**. 2007. Disponível em: <<http://www.ead.unifei.edu.br/~novolivrodigital/geraLivro.php?codLivro=16&IdSess=LD28052009110750>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

BRASIL. **Decreto nº 5622 de 19 de dezembro de 2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 28 maio 2009.

_____. **Referenciais de qualidade para educação superior a distância**. Disponível em: <http://www.ead.unisc.br/portalead/documentos/referenciais_qualidade_ead.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2009.

DELORS, Jacques. **Os quatro pilares da educação**. 1999. Disponível em: <<http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm#Pistas%20e%20recomendações>>. Acesso em: 6 maio 2009.

FILATRO, Andrea. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil. 2008. 173 p.

GONZALEZ, Mathias. Métodos de avaliação. In: _____. **Fundamentos da tutoria em Educação a Distância**. São Paulo: Avercamp, 2005. p. 69-74.

LEITE, Leonardo de Oliveira. **O lúdico na Educação a Distância**. CINTED - UFRGS. Novas tecnologias na educação. V. 3 nº 1, maio, 2005. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/maio2005/artigos/a64_ludicoead.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: 34, 2007. 264 p. Título Original: Cyberculture.

LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (Org.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. 461 p.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: _____. MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12 ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 11-66.

NUNES, Ivônio Barros. A história da EaD no mundo. In: _____. FORMIGA, Manuel Marcos Maciel; LITTO, Frederic Michael (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 2-8.

OLIVEIRA, José Palazzo Moreira de. Adaptabilidade em sistemas de Ensino a Distância: o caso do projeto AdaptWeb. In: _____. PEREIRA; Alice Therezinha Cybis; SANTOS, Neri dos; ULBRICHT, Vania Ribas (Org.). **Ambientes hipermidiáticos**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. p. 7-22.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Tradução de Vinícius figueira. Porto Alegre: Artmed, 2004. 216 p.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed. 2000. 192 p.

SANTOS, Bettina Steren dos; RADTKE, Marcia Leão. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: _____. SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya; JUNIOR, Klaus Schlünzen; PELLANDA, Nize Maria Campos (Org.). **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 237-344.

SCHLEMMER, Eliane. Metodologias para educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem. In: _____. BARBOSA, Rommel melgaço (Org.). **Ambientes virtuais de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 29-49.

TELEDUC. **Apresentação**. Disponível em: <<http://teleduc.nied.unicamp.br/>>. Acesso em: 3 junho 2009.

YOUTUBE. **Educação a Distância**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=08rVXi55yjE>>. Acesso em: 25 maio 2009.